



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

PIROLITO: BATE QUE BATE – Semanário de humor e caricatura, publicou-se no **Porto** a partir de 24 de **Janeiro de 1931** e ter-se-á mantido **até Janeiro de 1934**.¹ A coleção da Hemeroteca Municipal queda-se no número 56, de 13 de Fevereiro de 1932. A presente “ficha” apenas aborda esse conjunto.

O *Pirolito* era **propriedade de Oliveira Valença** (1897-1978)ⁱ que assumia também o cargo de Editor; da **direção do jornal cuidavam Arnaldo Leite** (1886-1968)ⁱⁱ e **Carvalho Barbosa** (1884-1936)ⁱⁱⁱ, aos quais se associava o caricaturista **Cruz Caldas** (1898-1975?)^{iv}.

A equipa não era desconhecida do público do Porto, quer por via das artes do palco, quer da própria imprensa. Em 1924, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa já tinham dirigido o *Córócócó*, outro semanário humorístico do Porto, que se manteve alguns anos (1927?). De resto, esse antepassado foi evocado na “capa” do primeiro número do *Pirolito*, o que leva a crer que deixara boa memória na população tripeira. A preponderância do humor literário sobre o gráfico será filha da ligação da equipa com o teatro (comédia e revista).

Folheando o jornal descobrem-se assinaturas de muitos outros autores, mas na sua maioria não passam de pseudónimos. No que toca às artes, importa registar a presença de **TOM** (1906-1990)^v e de **Octávio Sérgio** (1896-1965). Nas letras, pode dar-se por garantida a colaboração regular de **Heitor Campos Monteiro** (1899-1936)^{vi}, sob a máscara de «José d’artimanhas»², que assinava a crónica “Um ar da minha graça”.

O *Pirolito*, enquanto edição do grupo empresarial de Oliveira Valença, teve sempre a sua administração, redação e tipografia sedeadas na Rua da Cancela Velha, n.º 39, no Porto. Pouco depois de vir ao mundo, passou a ostentar a etiqueta «Publicações Sporting» (n.º 3), que, a partir de agosto, deu lugar às «Publicações AOV» (n.º 31), editora criada por Oliveira Valença.

Materialmente, cada número compunha-se de **16 páginas**, sendo que a primeira e a última faziam as vezes de uma “capa”, ostentando uma cor extra, além do preto. Referia-se ainda que o jornal era **impresso em papel de tom “rosa”** (mais barato que o branco), característica que por ação da passagem do tempo é hoje uma fragrância cromática quase impercetível.

Ainda assim, o número avulso do *Pirolito* **custava 1 escudo**, o que não seria propriamente um valor “popular” – como termo de referencia, considere-se que os diários de grande circulação custavam, em média, 30 centavos. Quanto à

¹ De acordo com a informação prestada pela Biblioteca Municipal do Porto, o último número de que têm notícia foi o 158, de 27 de Janeiro de 1934.

² A identidade foi revelada por ocasião do anúncio do lançamento do seu livro *Tribunal dos Pequenos Delitos*, no n.º 20, de 6 de Junho, p. 6.

venda por assinatura, os valores fixados para o trimestre, semestre e ano eram: 11\$00, 21\$00 e 40\$00 escudos, respetivamente. Já a assinatura anual para as Colónias onerava em 50\$00, e para o Brasil atingia os 60\$00. Apesar do preço pouco amigável, **o primeiro número ter-se-á esgotado em poucas horas**, o que muito entusiasmou a direção, que no segundo número já se vangloriava: «digno filho do “Córócócó”, o jovem “Pirolito” entrou com o pé direito na vida cidadina, fazendo, desde hoje, parte das necessidades do tripeirinho de gêma.».³

Apesar dessa recetividade prenunciadora de um sucesso editorial traduzível em venda de exemplares e na atração de anunciantes – para os quais estava reservado algum espaço (versos da capa e contracapa, além de pequenas inserções nas páginas do miolo) – a verdade é o país estava atolado nos **efeitos da Depressão de 1929**. Confrontava-se com uma quebra da atividade económica, um desemprego galopante, uma diminuição da emigração e da remessa das suas poupanças, uma desvalorização da moeda, uma carga tributária ascensional, uma inflação insuportável... resumindo, debatia-se com um **empobrecimento generalizado**, à partida pouco estimulante do consumo, sobretudo de bens não essenciais.

Possivelmente, foi esse contexto recessivo que inspirou o proprietário do *Pirolito* a dar prosseguimento a políticas promocionais tendentes a “segurar” o leitor, garantindo a sustentabilidade financeira da empresa. Referimo-nos nomeadamente à **oferta de uma sessão semanal de «cinema gratuito»**, por via de um «talão de ingresso» destacável do jornal⁴. Um modelo de brinde que, não sendo inédito, não era ainda uma prática comum entre nós. A campanha estendia-se ao jornal desportivo *Sporting*, que também pertencia ao grupo empresarial de Oliveira Valença. A adoção da máxima **«O Pirolito não se empresta, vende-se»**, que passou figurar em todos os números a partir de Setembro, presta-se a algumas leituras⁵.

É também evidente a tática de **despertar a curiosidade do leitor para o número seguinte**, anunciando um tema, uma entrevista, os resultados de um inquérito, etc., e, sobretudo, por via de adivinhas e charadas, com solução adiada.

A **brejeirice** que impregnava as páginas do *Pirolito* **também era uma forma de aliciar o leitor e de resistir ao ambiente opressivo** que emanava da ditadura militar, instalada desde Maio de 1926. De qualquer forma, o regime ainda não estava consolidado, embora levassem avanço as forças mais conservadoras e antidemocráticas.

Embora nada adiantasse sobre a sua missão, o *Pirolito* fez questão de clarificar a sua «inclinação política»: «O “Pirolito” afirma categoricamente a sua simpatia pelos homens da vanguarda e da retaguarda. Democrático – integralista, bolchevista, filiado no Centro Católico, monárquico do 31 de janeiro e bravo

³ Conf. «O nosso “Pirolito”», in n.º 2, p. 2.

⁴ Conf. n.º 9, de 21/03/31, p. 1 e 6.

⁵ Conf. n.º 34, de 12/09/1931, p. 5.

republicano do Mindelo, o nosso jornal, sendo das esquerdas e das direitas, confessa a sua predilecção pelo centro.»

A agitação revolucionária que marcou o ano português de 1931, teve fraca ressonância nas páginas do jornal. Nem a censura o permitiria. Mas as alusões mais genéricas à ditadura e ao empobrecimento do país fizeram o tema de muitas capas. A atualidade internacional também mereceu tratamento, particularmente a implantação da república em Espanha (abril).

O humor literário teve a sua atenção centrada na sociedade e nos costumes: a liberdade e autonomia da mulher, a moda, a informalidade das relações, os espetáculos, etc..

No final do ano, o *Pirolito* lançou o inquérito “Vossa excelência gostou do ano 1931?”. De entre as várias respostas recolhidas, transcrevemos a de «Angelo Cezar, Doutor em leis integrais» e um tripeiro de grande visão: «O ano findo, com todo seu cortejo ululante de reivindicações operárias e de miséria anónima, aproximou-nos ainda mais do Encoberto que aguarda, nas regiões do nevoeiro, a hora sebastiânica!»⁶

Lisboa, 11 de Dezembro de 2014,

Rita Correia

Nota: Expresso o meu agradecimento ao Arquivo e Biblioteca Municipais do Porto pela informação prestada sobre a coleção *Pirolito*.

BIBLIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

“*O Jogo da Política Moderna!*” *Desenho humorístico e caricatura na I República* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Direcção Municipal de Cultura: Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 972-8695-35-4.

DEUS, António Dias de – *Os comics em Portugal: uma história da banda desenhada*. Lisboa: Cotovia/Bedeteca, 1997. ISBN 972-8423-04-7.

FARINHA, Luís – «Ditadura ou Revolução? A herança política e os caminhos incertos dos herdeiros da I República», in *Comunicação e Cultura*, n.º 8 (2009), pp. 103-124.

⁶ Conf. resposta de «Angelo Cezar, Doutor em leis integrais», no n.º 54, de 30 de Janeiro de 1932, p. 9.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal - 1847/2002*. Lisboa: Secretaria de Estado da Comunicação Social, Instituto da Comunicação Social, Lisgráfica, Grafilis, [s.d.].

ⁱ Artur de Oliveira Valença (Porto, 12/02/1897 – 21/03/1978) – homem de múltiplos interesses, foi no desporto que alcançou maior projeção. Promoveu e organizou a prática de diversas modalidades desportivas, desde o boxe ao ciclismo, passando pelo atletismo, futebol, entre muitas outras. Criou e dirigiu uma infinidade de associações, clubes e federações. Fundou o jornal «Sporting» (1921), que foi o primeiro diário desportivo português e se manteve por mais de trinta anos. A sua extinção foi determinada pela polícia do Estado Novo, que nunca mereceu a simpatia de Oliveira Valença, pelo contrário. Durante a campanha de Humberto Delgado, foi candidato a deputado da oposição pelo Porto. Em 2003, a Câmara Municipal do Porto decidiu homenageá-lo e integrou o seu nome na toponímia da cidade.

ⁱⁱ Arnaldo Leite (Porto, 09/03/1886 - 21/08/1968) escreveu a sua primeira comédia quando tinha 16 anos. Cerca de quatro anos depois (1907), conheceu Arnaldo Barbosa, com quem estreitou laços de amizade. O trabalho em parceria veio por acréscimo. Juntos redigiram mais de duas dezenas de peças, sobretudo revistas e operetas. Muitas delas obtiveram um êxito assinalável. Após o falecimento de Carvalho Barbosa, Arnaldo Leite trabalhou em parceria com Heitor Campos Monteiro, outra colaboração feliz e proveitosa. Em parceria com Carvalho Barbosa fundou e dirigiu os semanários humorísticos *Córócó* (1924-1927?), *Pirolito* e *Maria Rita* (1932-1934). Também colaborou com vários jornais portugueses e brasileiros.

ⁱⁱⁱ Luiz Antero Carvalho Barbosa (Porto, 03/01/1884 – 1936) foi comediante, poeta e jornalista. Trabalhou quase sempre em parceria com Arnaldo Leite. No teatro, a dupla alcançou retumbantes sucessos, com um género próprio que buscava na alegria e no pitoresco a massa dos seus personagens e cenas. Foi colaborador de vários jornais e revistas portuguesas e brasileiras. Foi redator do *Voz Publica*, *Diário do Porto* e *A Cidade*. Em parceria com Arnaldo Leite fundou o *Corócó*, *Pirolito* e *Maria Rita*. Deixou uma vasta obra publicada, como poeta e como prosador, além de várias peças de teatro.

^{iv} António Pedro Barros Cruz Caldas (Porto, 17/12/1898 – 1975?) – cenógrafo e artista gráfico portuense. Os seus primeiros trabalhos como caricaturista foram publicados no semanário humorístico *Córócó*. Em algumas obras de referência é dado como diretor artístico do *Pirolito*. Colaborou assiduamente no *Maria Rita* e no *Sempre Fixe*, em diários generalistas como *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* e nas revistas *Civilização* e *Sporting*. Recebeu vários prémios nos Salões da SNBA e por duas vezes o Prémio Leal da Câmara (1953 e 1956). Como cenógrafo, fez diversos trabalhos para as principais casas de espetáculo do Porto. Também se dedicou à escultura.

^v Pseudónimo usado pelo caricaturista e artista gráfico Thomaz de Mello (Rio de Janeiro, 1906 - Lisboa, 1990).

^{vi} Heitor Campos Monteiro (S. Mamede de Infesta, 06/07/1899 - 1961) – jornalista e escritor, dirigiu as revistas literárias *O Flirt* (1916), *Céu Azul* (1921) e *Labareda* (1924). Depois de conhecer Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, trabalhou em vários projetos com eles. Um dos seus primeiros trabalhos literários começou por ser publicado no *Pirolito*: “Um ar da minha graça”. A partir de 1932, dirigiu o semanário *Maria Rita*. Como autor de teatro, escreveu algumas revistas e operetas.